

PRESENÇA AUSENTE

A SAUDADE NA CULTURA E NO PENSAMENTO PORTUGUESES NOVA TEORIA DA SAUDADE

“Todos nós experienciamos no nosso íntimo o que os portugueses chamam saudade, a qual se traduz como uma inexplicável ânsia (*longing*), um inomeado e enigmático desejo ardente (*yearning*) da alma, e é este sentimento que vive nos domínios da imaginação e da inspiração e é o terreno fértil da canção triste, da Canção de Amor. Saudade, ou ânsia, é o desejo de ser transportado das trevas para a luz. De ser tocado pela mão do que não é deste mundo. A Canção de Amor é a luz de Deus, bem no fundo, a explodir através das nossas feridas”

- Nick Cave, *The Secret Life of the Love Song. The Flesh Made Word. Two Lectures by Nick Cave* (CD).

“Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade”

- Teixeira de Pascoaes, *Marânus*.

Introdução

I

Este é um livro sobre aquele sentimento, difícil de expressar, mas que todos nós experienciamos, mais ou menos intensamente, nalguns momentos das nossas vidas ou mesmo ao longo de toda a nossa existência: *saudade*. Tem duas partes, que na verdade correspondem a dois livros num só. Na primeira expõe-se e interpreta-se a presença deste sentimento em muitas obras da cultura e do pensamento portugueses, desde os Cancioneiros medievais até à actualidade. Na segunda, apresenta-se uma nova teoria acerca da natureza profunda deste sentimento,

defendendo-se a sua universalidade e centralidade, não só no íntimo da experiência humana, mas em todo o ser dotado de consciência e sensibilidade e mesmo em todo o cosmos.

É evidente que a experiência e sentimento da saudade, a sua interpretação e a reflexão a seu respeito são recorrentes e marcantes na cultura galaico-portuguesa, popular e erudita, desde os Cancioneiros medievais até à actualidade. Isto verifica-se independentemente da questão da saudade constituir ou não uma das características ou a característica fundamental da cultura portuguesa – ou mesmo da galaico-portuguesa e lusófona -, tese que pressupõe uma problemática leitura essencialista e identitária das culturas, a par da promoção da experiência saudosa a núcleo central do que seria essa identidade essencial ¹. Segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos, o tema da saudade teria surgido implícito e ainda inominado nas cantigas de amor e amigo, sendo posteriormente nelas nomeado e permanecendo marcante, enquanto expressão do amor ferido pela ausência, e junto com o “morrer de amor”, “nas melhores obras da literatura portuguesa” ².

Seja qual for a perspectiva em relação a estas questões, o facto é que na cultura galaico-portuguesa a saudade tem sido repetidamente sentida e assumida, quer como motivo inspirador da expressão literária e artística, quer como objecto de reflexão hermenêutica e especulativa, convertendo-se em tema e problema recorrente de uma substancial e representativa vertente da literatura e do pensamento filosófico galegos e portugueses, desde a Idade Média até ao presente, num entrecruzar de leituras e desenvolvimentos onde se convocam múltiplas abordagens, desde a histórico-filológica e da teoria da cultura até à mística, religiosa, metafísica, ontognosiológica, estética, psicológica e psicanalítica, existencial e fenomenológica. A par disso, a discussão e a polémica sobre a saudade ser ou não a característica essencial da cultura e da identidade nacionais, ser ou não intraduzível e ser (mais) específica dos portugueses ou universal, tipificadas na paradigmática controvérsia entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio, acabou por contribuir para um multifacetado debate acerca do sentido, vocação e destino de Portugal e da

¹ Como diz António José Saraiva, acerca da saudade: “É improvável que se trate de um sentimento exclusivamente português; mas é certo que tem na nossa língua e na nossa literatura uma presença saliente e quase obsessiva” – António José SARAIVA, *A Cultura em Portugal. Teoria e História*, I. Introdução Geral, Venda Nova, Bertrand, 1985, p.86.

² Cf. Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, Aveiro, Estante Editora, 1990, p.52.

cultura portuguesa, bem como do lugar que neles desempenham o particular e o universal, que continua nos dias de hoje, envolvendo alguns dos nossos principais pensadores.

A nosso ver, esta não é todavia a questão essencial, que nesta polémica tende a ser esquecida ou esbatida. O que mais importa no tema da saudade é antes a fecundidade experiencial e filosófica desta tonalidade afectiva, em confronto e diálogo com outros sentimentos, para uma compreensão aprofundada do sentido da vida e da experiência humana. Nesta perspectiva, a evidente afinidade da saudade com outras tonalidades afectivas emergentes noutras culturas desinstala-a de algum forçado e forjado insularismo cultural, mostrando-a num amplo feixe de relações que, como advertiu Joaquim de Carvalho em 1950, está ainda por estudar em termos de uma ampla e promissora “investigação histórico-filosófica”³. Se António Sérgio, como veremos, estabeleceu um elenco de sentimentos que seriam equivalentes noutros povos, línguas e culturas, e se a lista foi aumentada por outros autores, o próprio Teixeira de Pascoaes, geralmente considerado como o maior e unilateral defensor da singularidade nacional e cultural da saudade, não deixa de reconhecer, no encerramento da sua fase saudosista, que o sentimento saudoso, além de ter uma génese antiga e não nacional, surge noutras culturas, paralelamente à sua presença no povo e nos autores portugueses:

“Acabamos de estudar as formas que a Saudade adquiriu desde Virgílio a frei Agostinho da Cruz; desde o seu nascimento em Roma até à sua divinização na Arrábida.

Seria curioso observar também as suas viagens lá por fora, pela França de Rousseau, Victor Hugo e Renan; pela Inglaterra de Shelley, Keats, Wordsworth, etc.; pela Alemanha de Novalis e dos Filósofos panteístas...

A Saudade de Camões errou no mundo como o D. Quixote de Cervantes. Compare-se o lirismo camoniano e o de Frei Agostinho da Cruz com a tristeza cósmica dos grandes poetas ingleses, com o misticismo profundo de Novalis, com o panteísmo sombrio de Hugo e o celtismo sentimental de Renan...”⁴

³ Cf. Joaquim de CARVALHO, “Problemática da Saudade”, in AAVV, *Filosofia da Saudade*, selecção e organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, p.224.

⁴ Cf. Teixeira de PASCOAES, *Os Poetas Lusíadas* [1919], Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p.183.

Estão por investigar estas “viagens” da saudade, ou as suas relações com tonalidades afectivas afins, constatando-se existir desde há um século - a respeito de um tema tão presente na cultura galaico-portuguesa e lusófona - uma questão em aberto que não foi ainda objecto de estudo metódico e sistemático. Há que abrir o horizonte da investigação e reflexão para além do domínio insular em que tende a ser restrita, convocando-a para compreender a experiência saudosa à luz da sua natural relação com experiências como as do *eros* e da *anamnese* gregos, do *desiderium* latino, da memória e desejo de Deus nas religiões abraâmicas, da nostalgia e da melancolia, da *soledad* castelhana, da *anyoransa* catalã, do *longing* e da *homesickness* ingleses, da *Sehnsucht* e do *Heimweh* alemães, da *dor* romena, entre outras, a par das suas múltiplas afinidades extra-europeias, como o desejo de libertação e de iluminação ou despertar da consciência nas várias correntes da espiritualidade indiana, para referir apenas um entre muitos exemplos.

A nosso ver é fundamental investigar a relação da saudade com motivos centrais da espiritualidade humana, patentes com diversas linguagens nas diferentes tradições sapienciais e religiosas da humanidade, sempre que se aponta a veemente aspiração ao, ou desejo do, infinito como manifestação da sua presença íntima no seio dessa mesma aspiração ou desejo. Entre muitos exemplos refira-se a visão da presença da natureza de Buda em todos os seres, sem a qual não haveria “ânsia (*longing*) pelo nirvana” ⁵, o que leva um mestre budista contemporâneo a falar do “desejo ardente (*yearning*)” de felicidade como manifestação dessa mesma natureza primordialmente desperta, concluindo: “Num sentido, estamos saudosos (*homesick*) da nossa verdadeira natureza” ⁶. No mesmo sentido, com outra expressão, veja-se a visão de um mestre cristão contemporâneo, que afirma que a “ânsia (*longing*) de Deus” é já a “presença de Deus” e o “amor de Deus” por quem a sente, sendo por ele desperta para mostrar que está no íntimo do ser humano e ajudar a encontrar

⁵ Cf. Arya MAITREYA, *The Mahayana Uttaratantra Shastra with Commentary*, escrito por Arya ASANGA, comentário por Jamgön Kongtrül Lodrö THAYÉ, explicações por Khenpo Tsultrim GYAMTZO RINPOCHE, traduzido por Rosemarie Fuchs, Ítaca, Snow Lion Publications, 2000, p.25.

⁶ MINGYUR RINPOCHE (e Eric SWANSON), *The Joy of Living. Unlocking the secret and science of happiness*, prefácio de Daniel Goleman, Londres, Bantam Books, 2009, pp.54-55.

o caminho para si 7. Poderíamos referir ainda a “anamnese essencial” de Jean-Yves Leloup que não é “memória” ou “recordação”, mas “abertura da inteligência, do coração, do corpo, à origem incriada que no instante e no devir nos funda” 8, ou a visão de Stanislav Grof do dinamismo holotrópico da consciência que visa transcender a identificação “com uma pequena parte do que realmente somos” e “reclamar a nossa identidade completa” 9. Na perspectiva da filosofia perene, podemos convocar o “projecto Atman” de Ken Wilber, que parte do suposto de que “a redescoberta da [...] infinita e eterna Completude é a única maior necessidade e carência dos homens e das mulheres”, sendo “Eros em termos últimos [...] o desejo de recapturar essa anterior Completude que foi obscurecida quando se construiu a fronteira entre o eu e o outro” 10. Na mesma perspectiva, John Greer fala da “ânsia (*longing*)” e “desejo ardente (*yearning*)” de “completude” que sentimos como a “saudade (*homesickness*)” de casa, o que vê como “o Divino a chamar-se a si mesmo, esperando ser encontrado” 11. Há muito trabalho de investigação, interpretação e reflexão a fazer neste prometededor domínio, que pode revelar a saudade e sentimentos afins como um transcendental da experiência humana na sua relação com a Origem, em termos interculturais e inter-espirituais.

Há também que abrir o pensamento da saudade para além da esfera antropocêntrica e indo-europeia ou semita, considerando a possibilidade de se encontrar noutras matrizes culturais e nos viventes e no mundo não-humanos indicadores de experiências, subjectividades ou dinamismos afins à saudade, como parecem sugerir os florescentes estudos contemporâneos das culturas orais indígenas e animistas e a abertura da antropologia para o não-

7 Cf. Franz JALICS, *Contemplative Retreat. An Introduction to the Contemplative Way of Life and to the Jesus Prayer*, s. l., Xulon Press, 2003, pp.163-165.

8 Cf. Jean-Yves LELOUP, *Manque et Plénitude. Éléments pour une memoire de l'essentiel*, Paris, Albin Michel, 2001, p.12.

9 Cf. Stanislav GROF, *A Psicologia do Futuro. Lições da Investigação Moderna sobre a Consciência*, tradução de Selena Cruz e revisão de Luís Torres Fontes, Porto, Via Óptima, 2007, p.18.

10 Cf. Ken WILBER, *The Atman Project. A transpersonal view of human development*, Wheaton / Chennai, Quest Books, 1996, pp.119 e 122. Cf. também pp.117-129.

11 Cf. John GREER, *Seeing, Knowing, Being. A Guide to Sacred Awakenings*, Memphis, True Compass Press, 2012, pp.13, 123 e 127-128.

humano¹². Estamos convictos que daqui resultará uma compreensão mais rica e profunda da complexidade e singularidade semântica e vivencial da própria saudade tal como se manifesta na cultura galaico-portuguesa e lusófona. A plena compreensão das configurações de uma dada cultura exige, até onde seja possível, o expatriamento que permita vê-la de fora, no espaço mais amplo das suas inerentes relações com todas as alteridades em contraste com as quais se vai desenhando e transformando.

Se enunciarmos aqui uma tarefa e um programa de investigação, não é contudo este o lugar para tamanha empresa científica de dimensão internacional e interdisciplinar, para a qual esperamos poder vir a contribuir¹³. Dedicamos antes a primeira e mais extensa parte deste livro a uma tarefa complementar, que é a de conhecer melhor as emergências e metamorfoses da saudade nalguns autores fundamentais da cultura e do pensamento portugueses, quer por este tema e problema constituir já uma longa tradição onde os seus escritores, artistas, pensadores e hermenutas dialogam explícita, implícita e criticamente entre si, produzindo ampla e relevante bibliografia, quer por neste diálogo se convocarem questões centrais do pensamento filosófico europeu e universal, também na sempre fecunda e constitutiva relação com algumas das suas margens, como a poesia, a literatura, a arte, o mito, a religião e a espiritualidade. Abordaremos aqui a saudade numa perspectiva simultaneamente histórico-hermenêutica e temático-problemática, que permita aos leitores conhecer os contornos fundamentais da

¹² Cf. Robert LAWLOR, *Voices of the First Day. Awakening in the aboriginal dreamtime*, Vermont, Inner Traditions International, 1991; David ABRAM, *The Spell of the Sensuous. Perception and language in a more-than-human-world*, Nova Iorque, Vintage Books, 1997; *Id.*, *Becoming Animal. An earthly cosmology*, Nova Iorque, Vintage Books, 2011; Philippe DESCOLA, *Par-delà Nature et Culture*, Paris, Gallimard, 2005, pp.229-253; Eduardo KOHN, *How Forests Think? Towards an Anthropology beyond the human*, University of California Press, 2013; Eduardo Viveiros de CASTRO, *Métaphysiques Cannibales. Lignes d'anthropologie post-structurale*, tradução de Oiara Bonilla, Paris, PUF, 2014, 4ª edição; *Id.*, *A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia*, São Paulo, Ubu Editora, 2017; AAVV, *The Handbook of Contemporary Animism*, editado por Graham Harvey, Nova Iorque, Routledge, 2015; Davi KOPENAWA e Bruce ALBERT, *A Queda do Céu. Palavras de um xamã yanomani*, tradução de Beatriz Perrone-Moisés, prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 2015; Graham HARVEY, *Animism. Respecting the living world*, Londres, Hurst & Company, 2017; Paulo BORGES, "Aquém-além do reino do humano. Entre-ser e ética sem centro", in AAVV, *Aproximações Bioéticas*, edição de António Barbosa e Fernando Araújo, Lisboa, Centro de Bioética / Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, 2019, pp.127-141; Mark I. WALLACE, *When God was a Bird. Christianity, animism and the re-enchantment of the world*, Nova Iorque, Fordham University Press, 2019.

¹³ Contributo que já iniciámos com a co-organização do Congresso Internacional *As Viagens da Saudade*, que decorreu de 29 a 31 de Outubro de 2018 em Lisboa, Porto, Amarante e Santiago de Compostela.

questão e alguns dos autores mais representativos daquilo que António Braz Teixeira designou como os “Ciclos da Saudade”¹⁴.

Por evidentes limites de espaço, não pudemos aqui estudar todos os autores que expressaram e se dedicaram a pensar e interpretar a experiência da saudade. Optámos por considerar a maioria dos que cremos serem incontornáveis pela relevância e pluralidade de perspectivas no tratamento do tema e pelas relações entre si, incluindo poetas, escritores e artistas que vivenciam e expressam dimensões da experiência saudosa que alimentam e estimulam a tarefa da análise, compreensão e teoria filosóficas. Nisto seguimos a proposta metodológica de Joaquim de Carvalho, por si designada como “análise extrospectiva” da presença da saudade na poesia e na literatura¹⁵.

Dos vários autores que aqui não pudemos considerar, e que esperamos incluir em estudos posteriores, recordamos primeiro que todos Bernardim Ribeiro (cujo fundamental contributo é indirectamente considerado no estudo sobre António José Saraiva), algumas expressões importantes da saudade existencial em Raul Brandão, que teve uma relação próxima e dialogante com Teixeira de Pascoaes, o muito relevante teatro metafísico de António Patrício (referido no estudo sobre o mito de Pedro e Inês no quadro de Lima de Freitas), a relação entre saudosismo e paracletianismo em Raul Leal, as leituras metafísico-ontológicas de António de Magalhães e Pinharanda Gomes, a leitura estético-metafísica de Afonso Botelho, além de considerações importantes em Vergílio Ferreira e Agostinho da Silva. António Braz Teixeira, o mais atento e sistemático hermeneuta da saudade, no pensamento e na cultura galaico-portugueses e lusófonos, é objecto de consideração no segundo capítulo da segunda parte deste livro, onde desenvolvemos parte da nossa própria teoria da saudade em diálogo com ele. Outros autores certamente surgirão para compor uma constelação sempre em expansão. Entre os autores vivos, e notando que assistimos nos últimos vinte e cinco anos a um acentuado e significativo recrudescimento da reflexão filosófica e eventos científicos sobre a saudade, salientamos uma nova geração de escritores, pensadores e hermeneutas, onde se destacam os nomes de António Cândido

¹⁴ Cf. António Braz TEIXEIRA, *A Filosofia da Saudade*, Matosinhos, Quidnovi, 2006, p.12.

¹⁵ Cf. Joaquim de CARVALHO, “Problemática da Saudade”, in AAVV, *Filosofia da Saudade*, p.223.

Franco, Manuel Cândido Pimentel, Maria Teresa de Noronha, Samuel Dimas, Pedro Sinde e Pedro Martins.

II

A segunda parte deste livro é dedicada a desenvolver e aprofundar a nossa própria teoria da saudade, cuja formulação iniciámos no livro *Da Saudade como Via de Libertação* ¹⁶, com base quer na sua experiência pessoal, quer na sua hermenêutica textual e etimológica. Cremos que é uma nova teoria, pois considera a saudade a partir de um novo ponto de vista, quase nunca considerado pelos seus autores e hermeneutas, ou por alguns deles intuído mas não desenvolvido, como acontece com Teixeira de Pascoaes nos três versos finais do *Marânus*, que à luz da nossa visão interpretamos no segundo capítulo da segunda parte desta obra:

“Pois tudo, tudo há-de passar, enfim,
O homem, o próprio mundo passará,
Mas a Saudade é irmã da Eternidade” ¹⁷

O que sugere este enigmático texto pascoalino é que a Saudade é em primeira e última instância afim ao eterno, infinito e incondicionado, sendo o que unicamente fica da necessária evanescência ou relativização de tudo o mais, seja o ser humano, seja o mundo. Note-se que, nesta visão, a saudade transcende a sua deriva no fenómeno psicológico, marcado pelo sentimento de separação e carência, que se aspira a extinguir - “matar”, como se diz habitualmente - pelo encontro daquilo ou daqueles que são o seu objecto, sendo antes o que sobrevive à dissipação ou descentramento de todos os seus aparentes sujeitos e objectos, humanos ou não-humanos, bem como da totalidade do existente. Isto condiz com a sugestão da sua possível etimologia e atípica evolução fonética, onde Carolina Michaëlis de Vasconcelos considera provável ter havido associação com a

¹⁶ Cf. Paulo BORGES, *Da Saudade como Via de Libertação*, Matosinhos, Quidnovi, 2008.

¹⁷ Teixeira de PASCOAES, *Marânus*, in *Obras Completas*, III, *As Sombras / Senhora da Noite / Marânus*, introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho, Amadora, Livraria Bertrand, s.d., p.303.

aspiração à saúde e à salvação ¹⁸, se considerarmos que estas palavras provêm de uma raiz indo-europeia *sal* ou *sol* que expressa a integridade, completude e totalidade ¹⁹, como exporemos e desenvolveremos adiante.

É assim que, a partir de e em diálogo com a nossa mais íntima experiência da vida, com os versos de Pascoaes, com a etimologia e evolução da palavra *saudade* e com múltiplas tradições espirituais e filosóficas da humanidade – incorporando num espaço muito mais amplo o percurso anterior pelas fontes portuguesas - , dedicamos a segunda parte deste livro a teorizar a experiência da saudade como indestrutível vínculo ao eterno, infinito e incondicionado e assim à saúde ou sanidade primordial do ser e da consciência. É o que fazemos desde o primeiro capítulo desta segunda parte, onde distinguimos *duas saudades*, sendo a primeira esta que acabamos de apresentar e a segunda a saudade psicológica, decorrente do obscurecimento da primeira e experienciada como memória-desejo movida pelo sentimento de separação e carência de um bem havido ou pressentido, o que no fundo a constitui numa aspiração à própria extinção.

No segundo capítulo da segunda parte do livro apresentamos essa saudade-saúde-sanidade como o vínculo de todos os fenómenos, seres e mundos ao fundo sem fundo de tudo, ou seja, ao infinito que por natureza é desprovido dos limites inerentes ao ser algo ou alguém, com uma forma determinada. Sendo assim livre da dualidade inerente a toda a identidade que só se constitui por distinção de uma alteridade, é o que a tudo engloba, sendo nele que fenómenos, seres e mundos continuamente aparecem, se transformam e dissolvem. Sendo este espaço de englobância o que antecede e integra tudo, inclusive toda a experiência de aparente coincidência com ele - com a consequente e não menos aparente cisão da consciência dualista entre eu e outro e sujeito e objecto e a fenomenologia da saudade psicológica antes referida - , a saudade-saúde-sanidade é o vínculo que permite reverter desta cisão para a sua ausência, cumprindo a saudade psicológica na sua superação. Neste capítulo mostramos que a saudade funda e convida a um exercício prático de reversão constante da consciência da esfera circunscrita e

¹⁸ Cf. Carolina Michaëlis de VASCONCELOS, *A Saudade Portuguesa*, Aveiro, Estante Editora, 1990, pp.56 e 65-83.

¹⁹ Cf. Odon VALLET, *Petit lexique des mots essentiels*, Paris, Albin Michel, 2007, pp.232-233.

condicionada da experiência dual de si e do mundo para a abertura sem contornos do imenso englobante que antecede e ignora toda a dualidade.

No terceiro capítulo da segunda parte deste livro teoriza-se a experiência de que nesta reversão saudosa se dissolve a experiência de si como um eu ou sujeito, aparentemente cindido da imensa englobância e do mundo e seus conteúdos que lhe surgem como objectos, desvelando-se no mesmo lance a natureza primordial e sempre presente do ser-consciência sem forma nem contornos, semelhante ao espaço infinito. Por isso, e pelos motivos no devido lugar explicados - quer afins à teoria da fisionomia das palavras de Teixeira de Pascoaes, quer à intuição patente no neologismo de James Joyce, quer ao diálogo com várias tradições sapienciais - , chamamos a essa natureza o *sy abyssal e caósmico*, optando pela forma arcaica de *suydade* para designar a qualidade dessa experiência de si como infinito informe e por isso omni-abrangente, inclusivo de todas as formas do real e do possível.

Sendo a *suydade* a experiência de si como inseparável do infinito sem forma que a tudo engloba - por isso simultaneamente vazio e pleno, vazio-pleno - , ela é a experiência do inapreensível e inobjectivável no seio do qual tudo acontece, irreduzível a qualquer determinação, limitação e entificação e com isso a toda a representação conceptual, verbal e imaginativa. A saudade ou *suydade* é a experiência directa da contínua e irrecusável inscrição de todas as consciências, vidas e fenómenos no Infinito omni-abrangente, como singulares manifestações do sem forma que é o fundo sem fundo comum a todas. Por isso a mais profunda saudade ou *suydade* não é a vivência da presença dos objectos da saudade psicológica no seio da sua mesma ausência, enquanto rememorados e desejados, como veremos acontecer desde os Cancioneiros medievais, mas a experiência a cada instante da *Presença Ausente*, ou seja, do Infinito sem forma, irreduzível a constituir um ente distinto de outros entes, no âmago de todo o fenómeno da consciência, da vida e do mundo. Daí o título do livro, que sugere a presença em tudo de algo que não é coisa alguma e por isso mesmo a natureza primeira e última de todas as coisas.

Na segunda parte deste livro insistimos ainda no facto de que esta mais profunda saudade ou *suydade* exige uma teoria indissociável de uma prática, a da constante reversão da consciência, dos objectos sempre finitos que apreende e nos quais se prende, incluindo todos os conceitos e imagens de si mesma, para a sua

natureza primordial e inata, a do próprio Infinito ou Presença Ausente que é o íntimo fundo sem fundo de tudo e assim o que envolve e engloba a constante metamorfose de todas as formas aparentes em que se manifesta. A saudade ou *suydade* convida-nos assim a passar da sua mera experiência pontual e passiva nas nossas vidas, marcada pela experiência da perda e/ou da carência e da aspiração à completude, ou da mera hermenêutica textual e cultural que predomina no seu estudo, para a assumirmos como um exercício espiritual, não necessariamente num quadro religioso ou doutrinal, mas enquanto treino da atenção para reverter da dualidade sujeito-objecto para o espaço ilimitado de experiência e consciência que a antecede, ignora e possibilita. É por esse motivo que, desde o nosso livro de 2008, *Da Saudade como Via de Libertação*, temos proposto que a compreensão da saudade se acompanhe de uma prática da mesma mediante exercícios meditativos e contemplativos regulares.

A experiência *suydosa*, como a seu modo o pressentiu e anunciou Teixeira de Pascoaes, embora porventura sem ter claramente visto todo o alcance dos seus próprios vislumbres, é assim potencialmente o espaço de um novo começo, em termos de abertura e despertar da consciência, de renovada cosmovisão, cosmosensação e cosmovivência e de reorientação da filosofia do domínio da análise lógica, da hermenêutica textual e da especulação teórica para um exercício prático da consciência, indissociavelmente contemplativo e activo, que traz em si uma nova percepção da realidade, uma nova forma de vida, uma nova espiritualidade, uma nova terapia, uma nova cultura e uma nova civilização. Trata-se, no fundo, de viver no e a partir do Infinito que desde sempre tudo é e não ficticiamente separado dele, ignorando-o ou reduzindo-o a vago objecto ou ideal de uma aspiração distante.